

DE DISCIPLINA SCHOLARIUM: SOBRE A DISCIPLINA DOS ESTUDANTES¹

Anísio Mânlio Severino Boécio

Tradução de Enio Paulo Giachini²

Quisestes insistir comigo, o Marciano, sobre um breve tratado sobre a disciplina dos estudantes, oxalá seja realmente breve. Segundo pequenez de meu espírito, vou procurar satisfazer vosso pedido benevolente, apesar da limitação de minhas pobres forças mentais e a persistência das calamidades. Apesar de ter a intenção de prepara uma série dupla de comentários, não totalmente distintos, vou me dedicar a algumas obras de Aristóteles e de outros filósofos, e mesmo que enfraquecido pelo meu empenho e o tormento do inumano rei dos Godos, lanço mão da consolação da filosofia e da doçura de uma contemplação íntima da Trindade profunda.

O que poderá ser mais iluminador no exercício de ensino e aprendizagem do que o conhecimento devido ao progresso natural e da arte e da exposição gradual das forças da inteligência? Sabemos que as partes componentes da eloquência se estabelecem segundo um processo oportuno das coisas naturais e da arte e por uma compreensão perspícua da inteligência.

Deve-se adotar, em primeiro lugar, aquelas coisas que são passatempo prediletos das crianças. Em segundo lugar, as coisas que se seguem, isto é, como a arrogância (*elatio*) dos adultos deva ser submetida do mestre e conectada à disciplina. Em terceiro lugar, como refrear a arrogância destes e como deve ser emendada de modo

¹ Texto extraído de DUCCI, Edda. **Un saggio di pedagogia medievale**: Il de “disciplina scholarium” dello Pseudo-Boethio. Turim: Società editrice Internazionale, 1967, pp. 82-89.

² Doutor em Filosofia pela UFRJ. Professor da FAE Centro Universitário. *E-mail*: enio.giachini@bomjesus.br

distinto pela força dos exemplos. Em quarto, prover a sagacidade dos estudantes e sua gradual consolidação. Em quinto, como deve ser incentivado o amor venerável e a devoção sincera dos estudantes ao magistério. Em sexto lugar, deve-se conhecer previamente as normas relativas aos mestres, sua tripla divisão, seu *status* em relação aos subalternos, e o modo de ensino.

Nos dispomos a tratar esses argumentos da forma mais compreensível e inteligente, abandonando nosso antigo estilo de escrever. Isso porque a execução mira sobremaneira a formação dos rudes sem formação e a apresentação deve ser o mais fácil possível para os que buscam o esclarecimento.

1 SOBRE A DISPOSIÇÃO DOS QUE DEVEM SER INSTRUÍDOS

Ao se iniciar a educação da criança de sete anos, ainda sem poder de discernimento e ainda incapaz, deve-se atentar que a disposição de seus membros não seja desarmônica ou malformada, como um todo, e que as intempéries do tempo, como a obtusidade de um inverno rigoroso ou a profundidade de um verão escaldante não venha a aumentar o perigo.

Lê-se, pois que o filho de Timóteo, ameaçado de lepra, foi castrado, arqueado e corcunda, ao ser conduzido à instrução, tornou-se objeto de desprezo da parte do povo e de zombaria da parte dos colegas. O mesmo se deu com o filhinho do pretor suburbano que iniciou os estudos na época da canícula escaldante. Como não podia gozar da sombra como de costume, viu-se destituído de sua força e foi prostrado pela icterícia, seu sopro vital foi diminuindo e acabou morrendo de doença linfática. Eis como a disposição imprópria dos membros e o clima hostil podem trazer dificuldades à capacidade intelectual do infante.

Que o alimento seja moderado, o beber leve e parcimonioso, mas que não haja penúria no vestir.

2 SOBRE A ORDEM EM QUE SE DEVE PROCEDER

Em primeiro lugar, deve-se imprimir a distinção das figuras que representam os elementos, as letras, e sua conjugação, que não é nada fácil. Não se deve insistir muito nesse exercício laborioso nem o abandonar cedo demais, como asseverava Sêrvio. Pois se ele se mostra mais propício em muitas coisas, também em outras irá mostrar-se mais hábil.

Em segundo, por uma luta laboriosa, aparece o edifício da tradição das obras de Probo e Dídimo; e igualmente de outros recomendados por sua autoridade venerável. Deve-se observar assim que no ensino a tradição latina seja submetida a análises fidedignas; que o idioma seja explicado palavra por palavra. É necessário lançar fundamentos sólidos, nem sair dele por um mês, nem pode ser confirmado por um curso solar, mas deve ser mantido cuidadosamente durante o intervalo de Mercúrio, como que duplicando-o. Pois com diligência é possível atenuar a obtusidade de qualquer obra.

Deve-se indagar e votar à cela da memória a tradição de Sêneca, as obras incompletas de Lucano, a prolixidade de Virgílio, a urbanidade de Estácio as traduções difíceis de Horácio, as obras ainda mais difíceis de Perseo, as provocações não indignas de Marcial.

As obras de moral dos demais filósofos, na medida da capacidade da mente, não devem ser votadas ao silêncio, de modo a haver uma serenidade sentenciosa na prosa e floresça a alegria nos versos.

Observe-se para que desse modo não aconteça o que aconteceu a Jocário. Esse, por 30 anos embrenhou-se nos filósofos preditos a fim de vencer sua ignorância: tendo chegado o dia em que deveria presidir os estudantes ordinários, afirmava ter duvidado já há muito de quem seria mulher Eneas, que ele encontrara nos versos serenos de Vergílio. Quando algum de seus alunos lhe perguntou sobre a qualidade da primeira sílaba do verso do *magister*, responde que é absurdo abreviar a primeira sílaba de tal nome, mas deveria ser pronunciada com acento agudo. Eis quanto tempo perdeu e despendeu a obtusidade de um duro cerviz.

3 SOBRE A ESPECULAÇÃO E OS UNIVERSAIS

Completado de ótimo modo essa etapa rudimentar de ensino, deve-se proceder para ampliar o alcance da pesquisa da ciência.

Pode-se dizer que é só a ciência capaz de indagar a diferença entre o verdadeiro do falso; e é só a ciência das ciências que está inclinada e sujeita ao título da sutileza. Essa é a senhora da escala de ascensão que pela natureza penetrante de suas vestes incrementa as forças e capacidades para alcançar o cume de qualquer uma das ciências.